

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS

*Rayssa Araujo Naves Dias (UEMS)*

[rayssadpnaves@gmail.com](mailto:rayssadpnaves@gmail.com)

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)*

[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir alguns tópicos relativos às formas de articulações comunicacionais com a comunidade surda, como a diversidade e as mudanças linguísticas, bem como a diversidade étnica e a comunicação linguística, tendo a Língua Brasileira de Sinais – Libras em perspectiva. Nesse sentido, será necessário abordar alguns dos elementos do sistema gramatical, bem como aspectos da comunidade de falantes, ou seja, a história social. Apresente análise se inicia baseada na sociolinguística, a qual discute o papel dos elementos culturais no processo de linguagem e fundamenta a compreensão de suas diversas características, desenvolvidas e segregadas por contextos sociais, embora exploradas em termos de língua falada (LABOV, 2008), o que também pode ser aplicado e considerado nas discussões das línguas de sinais – LS. Alguns paradigmas serão trazidos com base na variação fonológica da Libras, podendo, inclusive, ser encontrados em alguns pesquisadores, naquilo que se refere aos termos de concepções de linguagem, comunicação linguística, diversidade linguística e mudança da LS, já que esses profissionais linguistas e sociolinguistas têm voltado sua atenção aos surdos como falantes de uma língua visuoespacial.

### Palavras-chave:

Libras. Sociolinguística. Variação fonológica.

### ABSTRACT

This article aims to discuss some topics related to forms of communicational articulations with the deaf community, such as diversity and linguistic changes, as well as ethnic diversity and linguistic communication, with Brazilian Sign Language – Libras in perspective. In this sense, it will be necessary to address some of the elements of the grammatical system, as well as aspects of the community of speakers, that is, social history. This analysis begins based on sociolinguistics, which discusses the role of cultural elements in the language process and supports the understanding of its various characteristics, developed and segregated by social contexts, although explored in terms of spoken language (LABOV, 2008), which can also be applied and considered in the discussions of sign languages - LS. Some paradigms will be brought up based on the phonological variation of Libras, and may even be found in some researchers, regarding the terms of language conceptions, linguistic communication, linguistic diversity and SL change, since these linguists and sociolinguists have turned their attention to the deaf as speakers of a visuospatial language.

### Keywords:

Libras. Sociolinguistics. Phonological variation.

## **1. Introdução**

Se os estudos das línguas não são considerados uma nova ciência, os das línguas de sinais são relativamente novos, e, portanto, não são amplamente conhecidos, mesmo entre os linguistas que fizeram grandes avanços na análise das línguas faladas. No Brasil, os estudos de língua de sinais se intensificaram na década de 1990, a partir do trabalho pioneiro de Ferreira-Brito (1984; 1995), Felipe (1989), Quadros (2003) e Quadros e Karnopp (2004), os quais publicaram, entre outros, citações, sugestões e publicações na língua brasileira de surdos.

Nesse contexto, a Libras ganhou, a partir da última década, destaque nas discussões voltadas tanto para questões educacionais quanto linguísticas (Cf. MOURÃO, 2013). Porém, no que se refere ao ensino e aprendizagem de Libras para surdos e deficientes auditivos, é possível encontrar referências às ideias de “errado” e aos conceitos de “certo” e “incorreto” (CF. FERREIRA-BRITO, 1993) como reflexos dos próprios falantes. Por ser uma língua silenciosa, muitos acreditam que as línguas de sinais estão, de alguma forma, “protegidas” dos efeitos variacionistas e dos preconceitos de linguagem (Cf. GESSER, 2009), aspectos amplamente estudados nas línguas orais, como se pode atestar por meio dos estudos de (Cf. LABOV, 2008).

Os estudos de línguas refletem uma cultura repleta de buscas contínuas, naquilo que se refere aos processos de produção e de compreensão das línguas faladas até o momento (Cf. PETTER, 2011). A definição e a análise da linguagem são divididas em níveis que variam de subunidades a unidades principais, como a fonética, a morfologia e a sintaxe. Combinada a esse conhecimento está a compreensão social da linguagem, que analisa o uso da linguagem em um contexto social. Ela é considerada um processo social e histórico, sendo parte integrante da formação dos símbolos linguísticos. Ao comparar os estudos em língua de sinais com um conjunto de disciplinas voltadas para a comunicação oral, percebe-se a necessidade de realizar pesquisas que esclareçam suas diferenças, pois o reconhecimento da língua de sinais só ocorreu recentemente. Existe, ainda, a necessidade de uma maior definição de sua linguagem, assim como de suas características cognitivas e da diversidade lexical e semântica, que, no caso específico da LS, considera o símbolo linguístico como sendo formado a partir da informação visual apreendida no meio social (Cf. FERREIRA-BRITO, 2010).

Os estudos sociolinguísticos têm conferido às línguas dimensões

relacionadas ao elemento social. Labov (2008) sugeriu que a constituição e o desenvolvimento da linguagem são possíveis porque a comunidade linguística está inserida na sociedade. No Brasil, há várias comunidades linguísticas e, além da língua portuguesa, língua oficial, há várias outras línguas de origens cultural e regional de um determinado povo/comunidade, como, por exemplo, a língua indígena guarani, kadiwéu, língua de sinais, entre outras.

Por não ser considerada como língua oficial brasileira, havia poucos registros sobre a origem da língua de sinais. Os registros disponíveis, hoje, referem-se ao Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES e mostram que a língua de sinais brasileira começou a ser posta em prática após a chegada de um professor surdo de francês, E. Huet, membro do Instituto de Surdos de Paris, que propôs a construção da primeira instituição de ensino de surdos no Brasil, atualmente conhecida como INES .

Segundo a História do INES, a respeito da língua de sinais, há uma forte influência da língua de sinais francesa, que, gradativamente, foi moldada pela cultura surda brasileira. O primeiro livro em Língua Brasileira de Sinais, datado de 1875, foi *Iconografia dos Sinais*, do estudioso e obra-prima do Instituto Flausino José da Costa Gama, que reimprimiu o *Dicionário de Língua Gestual Francesa* e o traduziu para o português, expressando sua influência na Língua Brasileira de Sinais.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras – é uma língua natural, assim como as línguas faladas, embora tenham contextos diferentes. Como todas as línguas, a Libras passa por um processo contínuo e progressivo de variação e mudança, seja por motivos internos, seja pelo contato com outras línguas de sinais ou orais. Nesse sentido, ao olhar para o movimento crescente de surdos falantes de Libras e a conexão entre a diversidade, observa-se a necessidade de verificar se há mudanças de linguagem em curso, bem como os tipos e processos de diversidade que existem. É possível citar alguns pesquisadores brasileiros que se ocuparam da temática sobre a diversidade e a mudança linguística: Xavier (2006; 2010), Júnior (2011) e Brito *et al.* (2011).

## **2. Metodologia**

Este trabalho é entendido como pesquisa documental, uma vez que é feito por meio da localização e da seleção de um conjunto de documentos, especialmente de um banco de dados, que fornece recursos

linguísticos para a análise, e também informações adicionais pertencentes a um contexto social, o que torna o processo mais estruturado.

Os dados selecionados para a análise da diversidade fonética fundamentam os dados da pesquisa “Língua de Sinais do Norte do Brasil: uma variação de João Pessoa e Recife”, realizada por pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), juntamente com o Instituto do Patrimônio Artístico (IPHAN). Uma vez que a pesquisa é baseada no estudo da sociolinguística laboviana, há a necessidade de, inicialmente, especificar as abordagens metodológicas adotadas nesta pesquisa.

### **3. Desenvolvimento**

Para as comunidades surdas, é necessário que haja o reconhecimento da língua de sinais como língua indígenas, bem como língua oral. Esse reconhecimento é importante porque somente por meio da legitimação de seu idioma, e, portanto, de sua cultura, o surdo pode usufruir de seus direitos, os quais estão relacionados a sua identidade linguística.

A história do surdo é marcada pelo pré-reconhecimento de seus direitos e habilidades, mas também por aspectos de total desrespeito, tanto que um desses desrespeitos resultou na proibição da língua de sinais por quase um século, desde a Conferência de Milão, em 1880, até meados da década de 1980. Por uma questão de simplicidade, não será explorada a história dos surdos, entretanto, é proposto, neste artigo, a abordagem da história da Língua de Sinais. Dessa forma, será possível dar ênfase à legitimação, social e legal, da Língua de Sinais (LS) como línguas indígenas. Nesse sentido, destaca-se a pesquisa de W. Stokoe (1960), que foi fundamental para oficializar as línguas de sinais. Ao levantar as três definições da estrutura em Língua de Sinais Americana – LSA, o autor conseguiu mostrar que, como as línguas faladas, as línguas de sinais têm um quadro que pode ser analisado em diferentes níveis: fonologia, morfologia e sintaxe. Por essa razão, o trabalho pioneiro de Stokoe (1960) é frequentemente usado para justificar as línguas de sinais, as quais, muitas vezes, são consideradas pantomimas.

Considerados como um marco no desenvolvimento das linguagens LS os estudos de Stokoe (1960), que foram realizados dentro de um paradigma estrutural, originado do pensamento saussuriano a respeito da linguagem, o qual postulava a dicotomia língua (*langue*)/parole (fala), e

da qual Saussure se ocupou especificamente em descrever a *langue*. A partir disso, a discussão proposta aqui, a respeito do estudo das línguas, considera a linguística como ciência, portanto, os estudos estruturais da LS, com foco na definição de línguas de sinais, desenvolvidos neste artigo se fundamentam na abordagem sistemática da língua, conforme proposto por Saussure.

Embora a linguagem seja definida como uma realidade social, conforme se encontra no livro *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002), a metodologia de pesquisa exclui todos os elementos sociais da linguagem, focando na análise dos fatos da linguagem, que podem ser usados para demonstrar a estrutura da linguagem.

É uma verdade comum que as línguas podem ser descritas em seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. No entanto, é necessário considerar uma questão básica: a nossa compreensão a respeito de qual linguagem pode ser impedida de definir sua estrutura de sistema?

Saussure, ao contemplar o que será conhecido como linguística, afirma que a linguística, ao contrário de outras ciências, é a visão do pesquisador sobre o que está sendo estudado. Dessa forma, o objeto de estudo na pesquisa linguística, ou seja, a linguagem, será interpretado de diferentes maneiras do ponto de vista do analista.

A estrutura do pensamento reconstruído, desenvolvida por Chomsky, é considerada no desenvolvimento de dois outros conceitos, a saber, o gerativismo e a função. Embora a produção da linguagem de forma produtiva não se desvie significativamente do sugerido por Saussure, é no desenvolvimento da função que encontramos um novo conceito de linguagem e, por conseguinte, uma nova linguagem, em que o conflito entre linguagem e anistia não é discutido, nem, todavia, há discussão entre habilidade e desempenho (Cf. CHOMSKY, 1965).

O modelo de trabalho, ao definir a linguagem como produto da interação, baseia-se no conceito de uma gramática previamente pensada, e sugere a existência de uma gramática emergente (HOPPER, 1987), decorrente de pressões de uso ligadas às necessidades comunicativas e descritivas.

Em Brito *et al.* (2011), realizou-se um estudo descritivo da Libras por meio da comparação do “sotaque goiano” com as configurações de mão de diferentes regiões do sul do Brasil. A partir disso, desenvolveu-se a confecção de símbolos, que contou com três aulas de surdos e duas au-

las de audição; todos os participantes eram universitários. A identificação dos símbolos que compõem a divisão dos dicionários se deu por meio de informações de dicionários enciclopédicos, e outras fontes, selecionadas aleatoriamente, ouvindo-se as condições de variação dos símbolos goianos.

Os resultados mostraram que os diferentes signos da Libras indicam divisões regionais, semelhantes às encontradas na língua portuguesa. As 50 sinalizações de Goiás, selecionadas aleatoriamente, que não incluem placas da região Sul, são apresentadas a seguir: 42% (n = 21) dos diversos símbolos são os mais importantes no estado do Rio Grande do Sul, 38% (n = 19) em Santa Catarina e 20% (n = 10) no Paraná. Para os investigadores, o grande aumento no número de símbolos diferentes no Estado do Rio Grande do Sul se deve ao grande número de imigrantes da Europa vivendo naquela região, e que se comunicam de maneira particular, o que fortalece ainda mais o nacionalismo.

Sousa-Junior (2011) investigou as variações linguísticas naturais na Libras e as variações linguísticas que resultam da interferência da Língua Portuguesa sobre ela. Para o estudo, foram escolhidos seis termos da terminologia política brasileira. Já para o registro dos sinais, foi preciso constatar as variações linguísticas a partir de sinais usados pelos Surdos e por profissionais que atuam nos quadros funcionais dos poderes executivo e legislativo do governo federal, com base nos estudos e nas considerações de diversos autores sobre vários temas da pesquisa. Após a escolha da variante-padrão para cada termo, foi possível organizar discussões sobre a variação linguística em Libras, contribuindo também para um efetivo registro, o qual permite analisar dados e estudar estratégias para a elaboração de um dicionário terminológico de Língua Brasileira de Sinais.

Xavier (2010) apresentou um estudo de variação fonológica na Libras, com foco na alternância no número de articuladores manuais, mostrando que os fatores que regem a realização de sinais com as duas mãos normalmente são produzidos com uma. Já a produção de sinais com uma mão geralmente articulados com as duas são de natureza diferente, podendo estar vinculada à expressividade, aos processos lexicais ou gramaticais, ou, ainda, aos processos fonético-fonológicos.

Os estudos citados são uma pequena amostra de quão amplo é o campo de pesquisa sobre a diversidade e a mudança na língua de sinais brasileira, seja ela sociolinguística ou geolinguística.

Nas línguas de sinais, as unidades fonológicas são constituídas por parâmetros que, à semelhança das línguas faladas, quando vistas isoladamente, não representam uma organização da língua, mas quando combinadas com o conceito formam o símbolo da língua. Os estudos de áudio liderados por Stokoe (1960) examinaram a integração de três sinais principais da formação do sinal: suspensão da mão, posição e movimento. Battison (1974) e Klima; Bellugi (1979) continuaram seus estudos sobre a gramática ASL investigando outros aspectos dos sons, e então descreveram um quarto parâmetro: a forma da mão. Baker (1976) e Liddell (1980) analisaram as características faciais como elementos lexicais, visto que ocorrem em conjunto com os gestos manuais sistemáticos (Cf. QUADROS; KARNOPP, 2004). Karnopp (2004) argumenta que a combinação desses cinco elementos cria a formação de símbolos. Abaixo, segue uma ideia de cada parâmetro:

- a) **CONFIGURAÇÃO DE MÃOS (CM):** estas são as formas que as mãos usam para formar cada símbolo. Pimenta (2000) apresentou uma tabela de 61 preparações que incluía a estrutura alfabética. No exemplo abaixo, os sinais ANIVERSÁRIO, FALAR e AZAR têm a mesma caligrafia.

Figura 1: Configuração das mãos: sinais para aniversário, falar, azar.



Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>.

- b) **LOCALIZAÇÃO OU PONTO (L ou PA):** é a área onde a mão fixa cai, capaz de tocar uma parte específica do corpo ou é colocada em uma posição neutra (na frente do peito) horizontalmente (na frente do remetente). O ANIVERSÁRIO é feito em posição neutra; o logotipo da FALAR tem a primeira área do queixo; O logotipo AZAR tem um ponto de articulação no nariz.

Figura 2: Locação ou ponto de articulação.



Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>.

- c) **MOVIMENTO (M)**: Remoção da mão do espaço durante a marcação. Os sintomas mencionados abaixo são para movimentos retilíneos unidirecionais.

Figura 3: Movimento.



Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

- d) **ORIENTAÇÃO (O)**: Representa a referência para onde a palma da mão aponta durante o sinal. Seis tipos de formas podem ser vistos: acima, abaixo, dentro, fora, em harmonia e entrelaçadas.

Figura 4: Orientação.



Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

Nos exemplos mostrados, os símbolos de ANIVERSÁRIO e AZAR têm a direção da mão “para dentro”; o sinal FALAR é construído estando do “lado do acordo”.

- e) **EXPRESSÃO NÃO MANUAL (NM)**: Partes não manuais, como expressões faciais ou movimentos corporais, que podem definir ou diferenciar significados entre os símbolos. A linguagem facial e / ou corporal pode se traduzir em alegria, tristeza, raiva, amor, bruxaria, entre outras.

Figura 5: Expressão não manual.



Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

Os estudos fônicos mostram que, assim como as línguas orais, as línguas de sinais, em seu nível estrutural, são constituídas por unidades simples, que, quando combinadas, formam unidades complexas. (Cf. GESSER, 2010).



As unidades fonológicas, vistas separadamente, não representam a unidade de linguagem, porém, quando as fronteiras são definidas e correspondentes ao conceito, um símbolo linguístico é formado. O sistema fonológico é derivado da definição das estruturas físicas, descritivas e cognitivas dos parâmetros da língua de sinais, que o distinguem do sistema morfológico (Cf. QUADROS, 2007).

Libras está presente no Brasil há pelo menos 159 anos, e, desde 1857, o Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES foi criado no Rio de Janeiro. Antes da implantação do centro, a língua já existia nas ruas, nas casas de pouca instabilidade, ou de estabilidade considerável, que compunham as comunidades de surdos. Foi a partir da implantação das instituições para surdos que surgiram os primeiros registros da língua no dicionário, assim como a *expertise* do especialista em garantir sua sobrevivência e distribuição. Libras não é atualmente a língua oficial da nação brasileira, mas foi oficialmente reconhecida pela lei nº 10.436 / 2002 e pela resolução nº 5.626 / 2005.

O equívoco de que o Brasil é um país monolíngue já foi questionado em muitas obras (Cf. LEITE; CALLOU, 2002), nas quais a verdade do multilinguismo, do multilinguismo no Brasil, bem como da diversidade das línguas indígenas brasileiras, do português e das línguas de sinais são discutidas. Uma vez que a língua oficial do país é o português, todas as instruções formais são ministradas nessa língua, o que contribui para a realidade linguística de falantes não nativos ou bilíngues de português. A grande maioria das pessoas não falantes do português contraditoriamente tem o português como única língua de ensino, com exceção das escolas bilíngues. No caso da comunidade surda, o contato com a língua portuguesa é possível de duas formas: os surdos leem apenas em português brasileiro ou falam as duas línguas; já os surdos que não falam oralmente usam apenas o português na forma escrita, sendo Libras considerada sua única língua materna.

No entanto, o fato de os surdos se encontrarem numa situação em que a comunidade brasileira figura como multilíngue, naquilo que respeita à diversidade linguística, faz com que a Libras, a par das outras línguas menores, se constitua numa ilha linguística no mar português. Portanto, o contato com o português é inevitável.

Segundo Thomason e Kaufman (1988), existem duas condições para o empréstimo entre línguas: a forte comunicação com a comunidade e os falantes bilíngues. Considerando que, além dos surdos, também exis-

tem ouvintes que usam Libras, podemos concluir que a situação social da linguagem da comunidade surda no Brasil é uma de duas línguas, em maior ou menor grau. Conforme mencionado por Adam (2012, p. 844), atualmente existe um consenso de que a comunidade surda é uma sociedade bilíngue, composta por pessoas surdas com graus variados de fluência e que utilizam a língua de sinais da comunidade. Ainda segundo o autor, nos mesmos contextos sociais, o efeito da comunicação entre as línguas faladas e as de sinais é o mesmo da comunicação entre as línguas orais.

Alguns estudos, como o que foi desenvolvido nas cidades de João Pessoa (PB) e de Recife (PE), intitulado “Língua de Sinais do Nordeste”, e que teve como objetivo registrar a herança linguística e cultural de usuários de Libras, investigando suas práticas linguísticas, como, por exemplo, diferentes línguas, padrões de uso, perfis de usuários e *status* bilíngue, são de extrema importância naquilo que se refere ao contexto social e linguístico da comunidade surda. O registro desses dados permite a preservação e a interpretação das características da linguagem, o que contribui para o constructo de pesquisas futuras. No caso da pesquisa “Língua de Sinais do Nordeste”, a equipe investigativa foi composta por 12 pesquisadores, sendo 06 da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e 06 da Universidade Católica de Pernambuco.

A contribuição da sociologia da linguagem confirma as evidências da naturalidade da língua de sinais, já que estabelece a convergência entre os dados linguísticos utilizados pela comunidade linguística que passou por uma transformação multilíngue (Cf. SOUSA; SEGALA, 2009). É possível perceber, por meio dos dados levantados que as mudanças diacrônicas são causadas por uma combinação de programação inicial (comunicação doméstica) e outras linguagens de sinais. Essas mudanças se tornaram mais complexas e foram programadas no sistema de linguagem. Em seguida, as interações linguísticas dessa comunidade formam a identidade cultural, portanto, ao estudar as línguas de sinais, é preciso analisar, também, o papel que ela desempenha como veículo de relações sociais e de reconhecimento das línguas da comunidade falante.

A linguagem vincula valores que são reproduzidos no meio escolar e, por isso, presume-se que a maioria dos falantes seja autêntica. Essa perspectiva gera a ideia equivocada de que a linguagem é uniforme e pura, estando totalmente representada no sistema tradicional e na obra dos escritores antigos em nossa literatura. Dessa forma, discursos e palavras que não estejam de acordo com essa perspectiva tornam-se inapropriados

no que diz respeito à uniformidade da linguagem. Nota-se que a ideia de uma prática linguística inapropriada está diretamente relacionada ao preconceito linguístico, que de forma sistemática procura corrigir as estruturas visíveis da fala e da escrita do povo brasileiro, identificando como erro ou desvio aquilo que, comumente, se denomina um processo normal, como em palavras e discursos estrangeiros. Nesses casos, a prática linguística fica restrita ao vernáculo, portanto, cabe à escola “consertá-la”.

De acordo com Rodrigues (2017, p. 693), existe uma forte relação entre a linguagem, a homogeneidade e a pureza (linguagem pura), o que implica a ideia de que a linguagem está sujeita a ameaças externas (fala estrangeira, empréstimo) e internas (populares). Por que dizemos que essa ideia está errada? Pelo fato de que o português é uma língua romana, portanto, derivada do latim e, embora muitas palavras em nossa língua tenham origens latinas e gregas, em uma rápida busca nos dicionários de português é possível encontrar muitas palavras estrangeiras, cuja origem é ignorada pela maioria dos brasileiros. É claro, então, que o empréstimo de uma língua não ameaça a existência de nenhuma língua no mundo, ao contrário, mostra sinais de vitalidade e cria registros linguísticos na história da língua.

Desse modo, ao analisar uma mesma palavra em libras, em alguns estados, pode-se notar a diferença linguística entre esses ambientes, assim:

a) Sinal CASCA

Quadro 12: Descrição dos parâmetros fonológicos do sinal CASCA.

PARÂMETROS	JOÃO PESSOA	RECIFE
<b>Configuração de mãos</b>	CM direita “61” e CM esquerda “61”	CM direita “56” e CMs esquerda “28” e “27”
<b>Locação</b>	Espaço neutro	Espaço neutro
<b>Movimento</b>	“61” Tipo torcedura de pulso - rotação “61” Contato - de toque	“28” Contato - de toque Transição “28” para “27” - para baixo.
<b>Orientação</b>	<i>Interação - separação</i> CM direita “61” Contralateral; CM esquerda “61” lateral.	<i>Interação - separação</i> Para baixo nas CMs “56”; “28” e “27”.
<b>ENM</b>	Direção do olhar - olhos direcionados para árvore, seguidos por sinal casca. Lábios articulam a palavra ÁRVORE. Lábios levemente projetados para frente em CASCA.	Neutra

Quadro 12 - Descrição dos parâmetros fonológicos do sinal CASCA.  
Fonte: CONSERVA, 2013.

b) Sinal CAULE

Quadro 13: Descrição dos parâmetros fonológicos do sinal CAULE.

PARÂMETROS	JOÃO PESSOA	RECIFE
<b>Configuração de mãos</b>	CM esquerda "59" e CM direita "29"	CM direita "59" e CM esquerda "61"
<b>Locação</b>	Espaço neutro	Espaço neutro
<b>Movimento</b>	CM "59" Tipo torcedura de pulso - rotação CM "29" Contato – deslizamento bidirecional (para cima e para baixo).	CM "29" Contato – deslizamento unidirecional para baixo.
<b>Orientação</b>	CM "59" – para cima CM "29" – contralateral	CM "59" – para cima CM "61" contralateral
<b>ENM</b>	Olhos direcionados para o caule.	Lábios levemente projetados para frente

Quadro 13 – Descrição dos parâmetros fonológicos do sinal CAULE.

Fonte: CONSERVA, 2013.

#### 4. Considerações finais

Os dados mostram que a diversidade linguística é uma característica de todas as línguas originárias, independentemente de como são expressas. Além disso, como acontece com as línguas faladas, a diversidade das línguas de sinais mostra-se não restrita ao tempo, mas controlada pelas condições sociais.

Espera-se que o presente estudo desperte o interesse em pesquisas sobre a estrutura da linguagem de Libras, bem como dos processos envolvidos na mudança e na transformação da linguagem, já que, dessa forma, é possível solidificar o reconhecimento da língua de sinais e dos surdos como minoria, naquilo que se refere à língua e à cultura relacionadas às práticas linguísticas.

A visão de que o uso de tais variáveis está mais relacionado aos fatores sociais do que ao trabalho de gramática foi comprovado, pois alguns participantes expressam o uso de duas variantes de mesmo significado que, entretanto, não correspondem à mesma função gramatical.

Essas abordagens podem ser verificadas por estudos de outros pesquisadores, o que torna interessante a comparação desses resultados com as variações linguísticas existentes em outras regiões, incluindo outros fatores sociais e linguísticos. Nota-se, então, a importância de se aprofundar a questão da diversidade linguística e da transformação da Libras, uma vez estudar essas diversidades e a transformações pertinentes às línguas de sinais torna possível significar e afirmar outros fenômenos

linguísticos relacionados à fonologia, à morfologia, à sintaxe e à semântica relativas às práticas linguísticas das pessoas.

Observar a linguagem a partir da interação de uma pessoa com seu ambiente social confere uma perspectiva histórico-social substancial ao desenvolvimento da língua e de suas práticas. O conceito de linguagem como comportamento social foi discutido por Labov (2008), que postulou que os vários processos de extração e compreensão da linguagem eram praticados socialmente. Essa visão destaca as diferenças linguísticas com base no estudo da estrutura interna e sua evolução, usando a comunidade linguística como referência principal.

Considerando esses fatores, Labov desenvolveu um pequeno conceito de mídia social, baseado na aplicação de regras gramaticais e no uso da linguagem pelos falantes. Surge, então, o conceito de falar em público, o que dá a um grupo de falantes algo para se pesquisar, pois acredita-se que os produtos dessa comunidade representam uma mudança na distribuição e no surgimento de línguas.

Em consonância com essa concepção, este estudo tem como objetivo investigar os diferentes parâmetros fonológicos da Libras nas comunidades falantes de João Pessoa e Recife. A interpretação em língua de sinais, apresentada neste trabalho, contém uma descrição das principais diferenças nos sons dos cinco símbolos da categoria Colheita.

O uso do *Eudico Linguistic Annotator* (ELAN) para a definição da variabilidade do som forneceu uma identificação detalhada dos limites fonéticos. Sendo assim, seu reconhecimento resultou no quadro descritivo para cada uma das cinco palavras selecionadas, em que os parâmetros foram desenhados para as relações descritivas e funcionais dos personagens selecionados para análise.

Este trabalho fornece não apenas uma melhor descrição das características sonoras da Libras, mas também uma confirmação dinâmica, que é um dos melhores palpites em línguas orais. Ainda há a necessidade de um ensino de línguas que forneça uma análise mais abrangente da Libras no contexto nacional para os estudos de línguas adicionais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, R. Language contact and borrowing. In: PFAU, R., STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds). *Sign language: an international handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 841-61

BATTISON, R. *Lexical Borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.

BRITO, K. F. S.; MOREIRA, A. S.; MOREIRA, D. K.; NASCIMENTO, C. B.; AVELAR, T. F. Regionalizações e variações linguísticas existentes na língua brasileira de sinais – LIBRAS. In: Reunião anual da SBPC, 63, 2011, Goiânia. *Anais/Resumos da 63ª Reunião Anual da SBPC*. São Paulo: SBPC/UFG, 2011. Disponível em: <http://www.sbp-net.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/1245.htm>. Acesso em: 12 jun. 2020.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

FELIPE, Tania. A. *Libras em contexto: curso básico*, livro do estudante cursista. Programa nacional de apoio à educação de surdos. Brasília: MEC-EESP, 2001.

FERREIRA-BRITO, L. *Integração social & educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2. ed. Rio de Janeiro: TB – Edições Tempo Brasileiro, 2010. 273p.

GESSER; AUDREI. *LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

HOPPER, P. J. “Emergent Grammar”. *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1987. p. 139-57

JÚNIOR, G. C. *Variação linguística em língua de sinais brasileira: foco no léxico*. Brasília, Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2011.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Série Descobrimdo o Brasil)

MOURÃO, Marília Pinheiro (Org). *Língua Brasileira de Sinais*. Uberlândia: CEaD/CEPAE, 2013. Material elaborado para os cursos à distância da Universidade Federal de Uberlândia/Universidade Aberta do Brasil. 118p.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J.L. (Org.). *In-*

*rodução à Linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, A. Reflexões sociolinguísticas sobre a libras: (Língua Brasileira de Sinais). *Estudos Linguísticos*, 46 (2), p. 686-98, São Paulo, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i2.1673>.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística geral*. Org. de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SOUZA, R. B.; SEGALA, R. R. A perspectiva social na emergência das línguas de Sinais: a noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano. In: QUADROS, R.M.; STUMPF, M.R. (Orgs). *Estudos surdos IV*. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 21-48. Disponível em: <http://librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudo-Surdos-IV-SITE.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.

STOKOE, W. C. Sign language structure. An outline of the visual communication system of the American deaf. *Studies in Linguistics Occasional Papers* 8. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960. [Re-issued 2005, *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 10, p. 3-37].

THOMASON, S.; KAUFMAN, T. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley, CA: University of California Press, 1988.

XAVIER, A.N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras)*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. 175f.

\_\_\_\_\_; BARBOSA, P. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da LIBRAS. *D.E.L.T.A.*, 30.2, p. 371-413, 2014.